

JORNAL DE ESPOSENDE

mensário informativo e regionalista



"Jornal de Esposende"

Fundado por um Grupo de Esposendenses

Director e Proprietário:
Armando Marques Henriques

Redacção-Administração

Avenida Marginal — Norte
ESPOSENDE

Composição e Impressão

Editora Poveira, L.da
R. Manuel Silva/Póvoa de Varzim

Preço: 15\$00

Flash do mês

ESPOSENDE abandonado pelo Distrito

Centenas de turistas nacionais e estrangeiros, são movidos a escolherem a nossa beira-mar, quase sempre pelos encantos que a mesma disfruta. É um local aprazível, sossegado, com boas praias e paisagens pitorescas, que moldam bem o Minho de que nos orgulhamos de pertencer.

Contudo, aproveitando uma frase de um dirigente autárquico de uma das nossas freguesias, «somos o parente pobre do Distrito de Braga». Somos porque tanto quanto sabemos, ainda não houve até hoje, assembleia distrital capaz de incentivar e apoiar Esposende, na criação de estruturas na beira-mar, para que os seus habitantes, possam encontrar os requisitos necessários para uma cómoda estadia. Ainda que por um mês, as pessoas reclamam boas condições e o concelho das praias do distrito, é pobre para sustentar tantos hóspedes.

Dos concelhos do interior, acorrem inúmeras famílias para esta orla marítima, mais propriamente, para Apúlia, Fão, Esposende, Marinhas, etc. E depois, por que as casas alugáveis são a preços incomportáveis e a hotelaria, não pensar, recorrem ao campismo(?) como única alternativa. Então, acontece o inevitável: o lixo (de que já somos ricos) é despejado sem pejo nenhum, onde quer que seja; os sanitários não existem e assaltam edifícios públicos (caso telescola de Apúlia) para se servirem de água e casas de banho; arrombam bocas de incêndio, etc., etc.

Como é que a comunidade pode encarar toda esta situação? Já que Esposende tem fracos recursos, para em curto prazo, satisfazer o acondicionamento eficaz de tantos veraneantes, deveria o Governo Civil e outras autarquias interessadas, sensibilizarem-se e corresponder com a solução deste problema, que, afinal, muito lhes diz respeito.

A. CORRÊA D'OLIVEIRA

A Homenagem do Município

Nas instalações da Escola Preparatória de Esposende decorreu, no passado dia 16 de Agosto, a sessão de encerramento da exposição bibliográfica sobre o poeta António Corrêa d'Oliveira, relativa ao I Centenário do seu nascimento.

Presidiu à cerimónia, o Governador Civil de Braga, Dr. Fernando Alberto Silva Ribeiro, estando presentes, familiares do poeta homenageado.

Para solenizar o acontecimento, António Correia de Oliveira Guimarães, do Porto, proferiu uma longa palestra sobre a vida e obra do poeta de Belinho, sob o tema «O Poeta e o Povo», com decla-

mações pela menina Cristina Paul, que assim ilustrou a sensibilidade do Poeta.

Na exposição, que esteve patente ao público durante as Festas da Vila, figuravam inéditos, manuscritos, retratos, pinturas e condecorações, além de objectos pessoais.

A Câmara Municipal, de colaboração com a IAEOCA, organizou a exposição, encerrando-se assim, a nível concelhio, o ciclo das comemorações.

Em Outubro serão lançados dois volumes com a obra completa do poeta, que possibilitarão um conhecimento mais profundo daquele que ainda é um dos vultos da literatura Portuguesa.

O NOSSO ALERTA!

Gaiotas do Cávado — Quem as protege?

Abriu a época da caça e os desportistas iniciaram esta popular actividade por todo o lado, na esperança de aventuras e episódios que façam parte do seu historial de caçadores.

Nos fins de semana, no rio Cávado, o intenso tiroteio das armas de caça, são já um fenómeno vulgar. Também as gaiotas, animais dóceis e indefesos, ambientados nesta zona, sem a percepção do perigo, são o alvo preferido de muitos e numerosos caçadores desportivos.

O norte de Portugal tem registadas 230 mil armas de caça. Feitas bem as contas, são três exércitos, capazes de provocar graves estragos. Sendo assim, não há caça que chegue para tantas

armas. As gaiotas são o alvo mais fácil para qualquer portador de arma de caça.

Os esposendenses, naturalmente, sabem o valor das gaiotas e do seu efeito neste ambiente do litoral. São o adorno mais belo jamais visto, são a melhor característica deste rincão. Habitámo-nos a vê-las; não dispensamos este cenário; são parte integrante do nosso património. Este facto leva-nos a alertar as autoridades venatórias (e todas as outras que possam interferir) de modo a que se defenda, intransigentemente, a gaiota. Permitir a caça a estas espécies, só para entretenimento de alguns, é contribuir para o desaparecimento

desta importante característica de Esposende.

Não podemos deixar de referir os antecedentes que estão a contribuir para esta situação. A Comissão Venatória Concelhia, «ad hoc», não tem dedicado a melhor da sua atenção para este facto. A zona ribeirinha terá de ser interdita à caça pois, de outra forma, não se estabelece o equilíbrio ecológico, não se preservam certas espécies cinegéticas de interesse.

De referir, ainda, os perigos para tantos outros utentes da zona do rio Cávado, sujeitas, com tantos disparos de armas, aos riscos de acidentes cuja gravidade, de momento, são imprevisíveis.

CAMÕES - Génio e Portugalidade

— tema de uma conferência que o Dr. Albino Pedrosa Campos vai proferir no salão nobre dos B. V. de Esposende



meiras, de âmbito cultural, a levar a efeito nesta vila.

Sob o tema, Camões - Génio e Portugalidade, a conferência visará o aprofundamento da obra do Poeta, e será proferida pelo Dr. Albino Pedrosa Campos, professor da Escola Secundária Eça de Queiroz, da Póvoa de Varzim.

Para que todos tenham a mesma oportunidade de conhecer Camões, «Jornal de Esposende» convida os seus leitores e assinantes a assistir no dia 6 de Setembro, pelas 15,30 horas, no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários, à conferência a que se seguirá um debate sob o mesmo tema.

A juventude da nossa terra, fundamentalmente, dirigimos este convite, tendo em vista o seu desenvolvimento intelectual e o conhecimento da língua pátria.

«Jornal de Esposende», de colaboração com a Câmara Municipal, tomou a iniciativa de promover uma conferência para assinalar o IV Centenário da Morte de Camões.

A iniciativa é uma das pri-

fotoimagem

Exposição e Colóquio

Na Cantina Escolar de Esposende esteve patente ao público uma interessante exposição de fotoimagem, com trabalhos dos alunos do 3.º ano da Escola de Belas Artes do Porto, organização da ARCA, de Antas.

No encerramento da exposição, o Dr. Ernesto Calvet de Magalhães, proferiu uma palestra, seguida de colóquio, subordinada ao tema: o sinal foto, o cinema e o vídeo.

O colóquio pretendeu estimular aos jovens, presentes em número apreciável, o gosto pelo cinema e fotografia e, bem assim, a descoberta dos segredos da cor.



As aspirações de um povo à luz de um diálogo com o seu Presidente da Junta.

(Leia as páginas centrais)

Esposende em noticia...

POLÍTICA NACIONAL

Praia de Suave-Mar sem socorros

Ficou demonstrado no passado dia 28 de Agosto que a praia de Suave-Mar, classificada de 2.ª ordem, (para efeitos turísticos) não dispõe de meios materiais e humanos para socorros de acidente no mar.

O empregado de mesa de «A Primorosa», Geraldo de Areias Marques, de Marinhãs, foi tomar banho ao mar e, repentinamente, viu-se impotente para alcançar terra. Fôra arrastado por forte corrente, naquela manhã, tendo de pedir socorro.

Acontece, porém, que, na praia, os meios existentes resultaram infrutíferos, autêntica negação. Sem material, nem pessoal devidamente habilitado para resolver a emergência e, como consequência, todos os banhistas estavam a entrar em pânico. Valeu na circunstância, a serenidade do naufrago que se manteve na água à espera do desejado socorro.

A cadeia de solidariedade iniciou-se, tendo funcionado em pleno. Enquanto eram prevenidos os Bombeiros e os Socorros a Naufragos, o jovem Pilar tentou lançar uma bóia, operação difícil devido à corrente e o estado do mar. A agravar a situação, não havia corda com o comprimento necessário.

De louvar, a acção conjunta Bombeiros-Socorros a Naufragos. Depois de alertados, comparece a ambulância e o bote. Tudo acabou em bem. O jovem foi transportado ao Hospital, sendo internado para observações, muito embora não inspirasse cuidados o seu estado.

Vida Rotária

Na próxima reunião rotária, a realizar no dia 5 de Setembro, Camões será lembrado no Clube Rotário de Esposende, nas comemorações do IV Centenário da sua morte.

Profere a palestra, o companheiro Agostinho da Rua Reis.

As reuniões semanais do Clube Rotário, passam a realizar-se na Estalagem Zende, a norte da vila.

«Jornal de Esposende» agradece o convetie.

Pelos Bombeiros

Há muito que fazer pelos Bombeiros. Os Voluntários de Esposende, registam um serviço durante o aperto do Verão que tem ultrapassado os limites. Assim, desde 15 de Julho a 15 de Agosto, fizeram 117 conduções de doentes e 83 saídas de emergência, percorrendo as suas Ambulâncias, cerca de 14000 Km no mesmo espaço de tempo.

Acidente mortal vitimou uma criança

A menina Zélia Maria Graça Linhares, filha de José Azevedo Linhares e Helena Fernandes Trindade Graça, apenas com 11 anos, residentes em Fão, foi vítima de brutal acidente que a projectou a cerca de 50 metros de distância, provocando-lhe a morte.

Dirigia-se à praia quando próximo do Hotel do Pinhal, o automóvel conduzido pelo estudante João Valdemar Santos Ferreira da Silva, de 21 anos, do Porto, se despistou e foi apanhar na berma do lado direito, a infeliz menina.

Conduzida de urgência para o Hospital de S. João, do Porto, não resistiu aos ferimentos, tendo aí falecido.

As altas velocidades praticadas naquela avenida de acesso à praia, são fenómenos do dia-a-dia. Vários outros acidentes têm ocorrido, também de consequências graves.

Plano de urbanização

O Município aprovou o estudo preliminar do Plano de Urbanização de Esposende, com pequenas alterações sugeridas pelas reclamações apresentadas.

(Do «Jornal de Esposende», n.º 27, de 12-8-1980)



Tribunal Judicial da Comarca de Esposende Anúncio

(2.ª publicação)

Pela secção de processos da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de vinte dias, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos das executadas Rosa Almeida Pires e Carolina Almeida Pires, residentes na Rua de Azevedo Coutinho, n.º 2, da vila de Fão, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução de sentença movida por Carlos Barra Campos Reis, residente em Fão.

Esposende, 4 de Julho de 1980.

O Juíz de Direito,

a) Armando Castro Tomé de Carvalho

O Escrivão de Direito

a) Manuel de Matos Ferreira

DE RELANCE

O arcepreste desta vila, padre Manuel Batista de Sousa, deslocou-se à Terra Santa, em viagem de estudo e peregrinação, demorando cerca de 10 dias.

** Esteve entre nós, no período das festas, Raúl Veloso, devotado esposendense no Rio de Janeiro e que, durante muitos anos foi colaborador em o «Cá-vado».

** No próximo domingo vão realizar-se eleições nas Casas do Povo deste concelho, para os novos corpos directivos.

Lembra-se que a Casa do Povo de Esposende está instalada, provisoriamente, na Travessa do Senhor dos Aflitos.

** Vão adiantadas as obras de restauro e adaptação do vetusto edifício dos Paços do Concelho, devendo ficar concluído ainda este ano.

** Parte da Rua do Arco foi vedada ao trânsito e, por razões que desconhecemos, os moradores desta artéria, retiraram parte da vedação, devido ao mau jeito.

** A centenária fonte, junto à Matriz, vai continuar no mesmo local e integrada no Plano de Urbanização de Esposende.

** Abriu mais um estabelecimento de electro-domésticos na Rua Conde de Castro, na antiga casa das professoras Vasconcelos. E, brevemente, vai abrir um café snack-bar, no edifício do mercado municipal.

** Terminou, praticamente, mais uma época balnear. O movimento da praia e da vila, volta a normalizar-se. O regresso dos emigrantes também contribuiu para esta normalização da vida local.

Jornal de Esposende

«Jornal de Esposende» entrou no 3.º ano da sua publicação. Esperamos continuar até ao próximo ano se, entretanto, nada de anormal impedir a regular publicação. Contudo, este esforço só é possível com a ajuda e colaboração de todos os nossos leitores e assinantes.

As assinaturas vão ser postas à cobrança. Na vila, os responsáveis pelo Jornal vão procurar aqueles que pretendem renovar a assinatura; para os nossos assinantes residentes fora do concelho, pedimos para serem enviados os vales ou cheques para a redacção e administração, para assim evitarem as despesas de cobrança pelos CTT, que serão agravadas em mais 50\$00.

A propósito do 2.º aniversário do nosso Jornal, o semanário «Voz do Minho», de Barcelos, fez referências elogiosas que muito nos sensibilizaram.

O diário portuense, «O Comércio do Porto», também fez referências a noticiário publicado no último número.

Gratos pelas referências.

VENDE-SE

FORD * Escort 5

30.000 Kms. Optimo estado. Resposta à redacção deste Jornal.

Eleições em Outubro

No próximo dia 5 de Outubro, data da implantação da República, os portugueses voltam a ditar, através do seu voto, o futuro deste país.

Não temos dúvidas que, a bipolarização ainda se radicou mais no espírito da classe política nacional o que, por arrastamento e carismas, dividem o país em dois grandes blocos ideológicos.

A campanha que se avizinha vai ser difícil e já se vive esse clima.

Pretende-se alertar os leitores

para a importância do voto. Uma reflexão sobre a opção que julgue ser a mais importante. Há dois grandes blocos ideológicos, que dividem o país.

Se, por um lado, existe a intenção de defender a democracia através da liberdade política, económica e social, paralelamente, continua evidente o marxismo, a colectivização dos meios de produção privados, a ditadura do proletariado.

Esperemos que os nossos leitores, sensatamente, façam a sua opção. Será através do voto que o cidadão poderá expressar a sua vontade.

Manuel Roças Gonçalves Jorge

RAÇÕES E ADUBOS

Cimentos e Plásticos

UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS

Visite-nos e será bem servido

ALDEIA DE CIMA

Telef. 89720 p. j.

VILA CHÃ

António Barbosa da Silva

Lanifícios e Miudezas

MOBÍLIAS USADAS

Lugar de Outeiro

VILA CHÃ

Albino Sampaio Boaventura

compra e venda de

MADEIRAS

fornecedor

ALDEIA DE CIMA

Telef. 89241

VILA-CHA

De Antas

FESTAS

As tradicionais festas, mais religiosas do que populares, finaram-se por este ano. Efectivamente, decorreu nos dias 1, 2 e 3 de Agosto, a Festa de Nossa Senhora das Vitórias. A Festa de Santa Tecla, que se costumava realizar no 1.º domingo de Setembro, foi antecipada para os dias 15, 16 e 17 de Agosto.

DESPORTO

Irá principiar no próximo dia 2 de Setembro o I Torneio de Futebol de Salão, em Antas, para equipas locais. A organização deste torneio pertence ao sector de desporto da JAEOCA; os jogos realizar-se-ão no recinto desportivo paroquial.

PODER LOCAL

Temos na nossa frente o plano de obras da Junta de Freguesia,

que no seu devido tempo foi apresentado e aprovado pelos órgãos competentes. Resta-nos perguntar à Junta o que é que já fez, desde que foi eleita?

E o que é feito das tão apregoadas e prometidas:

-Estrada que liga o Lugar de Azevedo às Ribes?

-Do parque de estacionamento na praia de Guilheta?

-Da mais que falada Escola de Guilheta?

-Do Infantário? E do posto médico?

-E da sede da Junta de Freguesia?

Isto só para falar nas promessas insistentemente prometidas, e das quais o povo mais fala. É tempo de a Junta mostrar algum trabalho feito e cumprir plenamente o mandato que recebeu no dia 16 de Dezembro.-C.

DR. MATEUS ESTEVES

MÉDICO

ESPECIALISTA EM ORTOPEDIA

(Ossos e Articulações)

Consultas às Quintas-Feiras, das 16 às 20 horas

Largo Dr. Fonseca Lima

ESPOSENDE

Consultório Dr. COSTA E SILVA

A partir de 25 de Setembro

TERRAS DO NOSSO CONCELHO

VILA-CHÃ

- Freguesia altaneira, à espera de melhores dias...

«S. Lourenço está muito desprezado e esquecido»

- disse-nos o Presidente da Junta de Freguesia

Estão próximas as festas dedicadas ao mártir S. Lourenço, que se venera na capelinha no alto do monte, junto a Vila Chã, a freguesia altaneira e de índice cultural e sociológico mais elevado no concelho.

Preocupa-se toda a população, no seu bem estar social e, por tradição, é humilde e trabalhadora, sempre pronta a colaborar com a autarquia, presentemente do agrado da maioria.

As aspirações, aparentemente modestas, revestem-se de especial significado, razão que levou a reportagem de «Jornal de Esposende» para ouvir o presidente da Junta de Freguesia, Albino Sampaio Boaventura.

Das declarações prestadas, respigamos algumas das mais importantes passagens, que ilustram as preocupações da Junta, rumo ao futuro e progresso local.

O brio do povo com as Festas

Dizer o que são as festas em Vila Chã, temos de falar no Padre Matos, o pároco incansável que está sempre pronto a colaborar nos actos mais significativos da boa gente da freguesia. Com uma obra social relevante, o infantário absorve muitas das suas energias e preocupações. A este propósito, disse-nos o Presidente da Junta: «O Padre Matos tem feito muitos esforços para conseguir subsídios para o infantário paroquial e se não for ele a garantir o seu funcionamento, não saberemos o que será».

As festas têm o apoio do Pároco e, daí, atingirem um certo nível, mas tal facto deve-se, também, segundo o Presidente da Junta, «ao brio com a organização da festa e a freguesia, vá lá, ganha pouco com isso. É a boa vontade da população para que todo o concelho nos visite».

De facto, Vila Chã, era conhecida pelo seu místico atraso social e cultural durante os últimos decénios, tendo-se desenvolvido de tal modo que, presentemente, é das mais evoluídas e com o maior índice de licenciaturas. «É uma questão de brio e este desenvolvimento deve-se, também, à imigração e aos progressos (ultimamente) com as comunicações, rádio, TV e melhores estradas de acesso. Vila Chã esteve sempre isolada devido à situação geográfica no concelho e, foi por isso, que se classificou em 2.º lugar, há anos, no concurso «Terras de Portugal». Daí, ficou conhecida como «a mais atrasada do concelho».

«As condições de vida da nossa gente obrigou à imigração. Portanto, 70% da população activa são imigrantes e levam consigo as famílias. Mas também fazem a sua festa e conseguem boas verbas que passam para o

ano seguinte. E a Comissão de S. Lourenço, quando há obras, faz obras na capela porque, como sabe, se não se fizer obras de conservação, vai tudo abaixo».

A Junta vive de subsídios

A freguesia tem as suas aspirações, como não podia deixar de ser e também não se convençe que, basta arranjar um ou dois caminhos e... missão cumprida.

«Tudo o que se faz é pouco. Queremos sempre mais...» declarou o presidente da Junta. E, de seguida: «Não temos rendimentos próprios e só através de subsídios é que podemos resolver as necessidades mais urgentes. De resto, a população colabora com dinheiro e trabalho. É uma população humilde e paciente, está sempre pronta a colaborar com a Junta. Mas também, porque agrada à maioria...»

As suas aspirações são bem modestas, mas de importância para o bem estar da freguesia.

Sendo eleita pelo CDS, procura na Câmara Municipal os meios necessários para conseguir os melhoramentos de que necessita, procurando da «Aldeia mais Portuguesa de Portugal» desmistificar o conceito de «mais atrasada do concelho».

Satisfeitos com a Câmara

Quando a Junta tomou conta dos destinos da freguesia «encontrou dificuldades para elaborar o plano de actividades no sentido de conseguir alguns melhoramentos. As actas da anterior Junta, dizem sempre a mesma coisa mas nada feito, nem ponta por onde lhe pegar. Agora que temos o apoio do Presidente da Câmara Municipal, fizemos um plano que foi aprovado e, satisfaz os interesses da freguesia».

No prosseguimento das suas

declarações, o Presidente da Junta enumerou as aspirações projectadas e que serão executadas: estrada da Feiteira, infantário, Telescola, reforço de energia eléctrica para o lugar de Baixo, ampliação do cemitério e uma casa para a Junta».

Mas, Vila Chã, não se contenta com estas aspirações. Mais e melhor e, «tudo se conseguirá se o Presidente da Câmara Municipal cumprir o que nos prometeu».

«Lutamos pela Telescola. As crianças vão para Esposende todo o dia e depois deixam de ser aquilo que eram. Perdem-se e não aprendem. Mas a ampliação do cemitério também é importante. Já não temos onde enterrar os nossos mortos e a continuar assim, quanto mais tempo demorar, pior...»

A obra terá de ser comparticipada e «a Câmara prometeu 300 contos para se concluir, mas até agora, nada...»

«Temos toda a confiança no Sr. Presidente da Câmara e esperamos que as obras pedidas no plano de actividades venham a ser cumpridas. Sabe, a nossa freguesia, não pode ficar menos beneficiada que qualquer das outras, no concelho».

A Ronda e Manuel de Boaventura

Um dos filhos mais conhecidos da freguesia é, sem dúvida, Manuel de Boaventura. Escritor e etnógrafo, dedicou-se muito à descoberta de preciosidades de natureza etnográfica, património de interesse a preservar. Por isso, não resistimos à tentadora pergunta:

- O que representa, para a freguesia de Vila Chã, Manuel de Boaventura?

A resposta foi clara e sem ambiguidades, directa e sem rodeios:

«Dedicou-se à Ronda de Vila Chã, mas pecou por falta de autenticidade. Era um letrado e podia muito bem ter valorizado o património arqueológico uma vez que pertenceu à Associação dos Arqueólogos Portugueses. Preocupou-se muito em ligar o seu nome à casa de Susão, onde viveu, servindo-se de Vila Chã para tradicionalismos que não passavam de ficção».

Actualmente a Ronda faz parte da Casa do Povo de Forjães e «não pode ser outra a entidade a tratar da Ronda. A própria bandeira é a da Casa do Povo. Não nos metemos nisso... Além disso, há muita política. Nunca interferei... Basta ver, que o principal tocador, era o anterior Presidente da Junta».

«Preocupamo-nos com os problemas que interessem ao bem estar do povo e, mesmo no desporto, ninguém nos procurou pa-



S. LOURENÇO

- o Santo Mártir, que o povo vilachanês venera desde tempos remotos. A sua primitiva ermida, sempre branca de neve, durante a festa não comportava o número infinito deromeiros que deviam promessa ao santo. Daí ser inadiável a erecção de um templo maior. E o Arquitecto José Vilaça projectou uma capela românica, mais espaçosa, que Manuel de Boaventura apreclou e depois defendeu em lúcidos artigos publicados na imprensa bracarense.

Todavia, o traçado de Vilaça fora rejeitado... Construiu-se, então, a actual capela, plena de luz interior, de fachada voltada para o mar.

Ah! Mas que encanto de paisagem! Que variedade de horizontes!

A Festa de S. Lourenço realiza-se este ano entre 12 e 14 de Setembro com um programa variado e caro, já largamente anunciado.

ra tentar dar uma ajuda. Não precisamos...»

A finalizar, o Sr. Albino Sampaio Boaventura, fez questão de revelar um costume muito curioso: «Na noite de S. João, manda a tradição, que se roube ao vizinho a cancela, utensílios de lavoura e até a roupa da cama. Põe-se tudo no adro da igreja para que toda a gente veja, logo à saída da missa. Cada um, depois,

vai apanhar o que lhe pertence. Mas, devo dizer, que S. Lourenço está muito esquecido e desprezado, devia ser valorizado. Tem boas condições para um parque de campismo. Não falta água e uma paisagem formidável. Depois de construído, seria uma boa receita para a Junta, depois de preparada com estrada circular envolvendo a capela. Olhe que bem explorado, dava boa receita».

António Brás Barbosa

serve Vila-Chã
servindo quem o procura

Café principal

AGENTE DAS FARINHAS
«VOUGA» e «CAMPEÃO»

Distribuidor do

Gás CIDLA

e do LEITE «LEHAVIT»

Telefone 89734 p.f.

VILA-CHÃ

Apresentação

Esta freguesia não terá tantos atractivos que terão outras freguesias, mantém em contrapartida, belas paisagens «que recreiam a vista e dilatam o espírito». Na Primavera é soberbo e magnífico o panorama que se observa de diversos pontos da freguesia como sendo do Alto da Cerca, ou da Serra, não esquecendo contudo a panorâmica que se vê do local mais agradável e sadio do concelho ou seja o Monte de S. Lourenço.

O Monte de S. Lourenço fica situado a poente da freguesia no limite com a de Marinhas. No cimo deste Monte existe uma penedia em que no seu topo está uma capelinha onde é venerado o mártir do mesmo nome. O acesso a este monte é feito pela íngreme estrada, mas em que o cansaço dessa subida é superado pelo surpreendente panorama que se desfruta desse aprazível local. Daí a paisagem é admirável, é digna do mais belo quadro, e própria para voos de pintor. Virados ao poente, todos aqueles campos verdes que se banham no Atlântico, perdendo-se a vista no azul deste imenso oceano. O Cávado com a sua foz, a praia do Suave-Mar, a vila de Esposende, os cavalos de Fão, enfim um nunca mais acabar de belas paisagens que deste local se oferece a todos os visitantes. Para nascente, os moinhos de S. Félix, a Franqueira, bem lá ao longe o Sameiro e o Bom Jesus do Monte e como irmãos gémeos de S. Lourenço temos ao seu lado direito o monte do Facho e da esquerda o monte do Faro.

Você que não conhece as belas paisagens do Minho, suba até Vila Chã e contemple o que de mais bonito poderá encontrar na região.

Desde os tempos mais remotos até aos nossos dias: Evolução histórica

Como todos os locais, também Vila Chã tem a sua parte num passado histórico, passado esse que nos pode lançar num período bem remoto, indo ao encontro das civilizações mais arcaicas desta zona.

É bastante difícil e quase que impossível dizer qual a origem desta aldeia. É no entanto curioso salientar quais os períodos que marcaram a sua história, e quais os vestígios desses mesmos períodos. Seguindo uma ordem cronológica, começarei por focar os inúmeros testemunhos da época megalítica onde aqui e ali, podemos deparar com grandes dolmens, que aqui são conhecidos por mamôas, ou mamuinhas e que não faltam topónimos a comprovar este tipo de monumentos (Mamião, Mamôa-Moça, Mamuinhas).

A existência desses monumentos não poderá provar que terá havido uma população fixa pois que dizem respeito a povos nómadas, que teriam por actividade o pastoreio, servindo no entanto para justificar que também nessa época já estes solos conheceram a actividade humana.

Dando um salto de alguns milénios, iremos situar-nos no período pré-romano onde o castro de S. Lourenço é verdadeiro testemunho da fixação de povos nesta aldeia e que segundo Martins Sarmiento «entre as ruínas de Vila Chã e as de Vigo há só a diferença de dimensões. Oviens Spaconun era uma povoação de primeira ordem, enquanto que a de S. Lourenço só por favor pode ser considerada de segunda». Quem for ao monte de S. Lourenço pode ver, embora cobertas de terras, restos de três ordens de muralhas, bem como vestígios de construção de casas quer do tipo redondo quer do tipo quadrangular. Aparecem com frequência restos de cerâmica do tipo mais grosseiro (castreja), bem como cerâmica da época da ocupação romana como sendo por exemplo a sigilata. Em redor de Vila Chã não faltam os topónimos a comprovar a existência de

mais vestígios deste género como sendo Crasto, Castrelinho, Cerca, etc.

Com o avanço romano e o domínio destas zonas, vemos florescer uma civilização que veio marcar toda esta zona quer a nível de toponímia quer mesmo a nível de usos e costumes.

É durante a romanização que se dão inovações e que novas técnicas são aplicadas na agricultura e que fazem com que zonas montanhosas antes habitadas sejam trocadas por zonas de cultivo. É com frequência que em zonas de cultivo, situadas no seio da freguesia, aparecem vestígios de época romana como sendo cerâmica, tipo cerâmica de necrópole, bem como tegulae e mesmo construções que facilmente se podem datar dessa época (cubelos). É no entanto na toponímia local que se pode notar essa influência, e que são nesses lugares onde esses vestígios aparecem como sendo o dos Todos-os-Paços, Pacinho, Quintela, Agra, Agrela, etc.

Depois desta descrição de vestígios da actividade humana em Vila Chã, não passaram no entanto, de hipóteses e nada nos indica uma identidade territorial, identidade essa que podemos já definir a partir do séc. XIII. Os documentos mais antigos que encontrei onde o nome de Vila Chã é usado, são precisamente as inquirições de D. Afonso II (1220) e nas de Afonso III (1258). Nessas inquirições surge o nome de *Sancto Iohanne de Villan Plano*, onde nos diz que o rei não tinha reguengos, tendo a igreja sesmarias, que pertenciam ao Mosteiro de Palme, de São Romão do Neiva e de S. Paio de Antas. Nesta época Vila Chã seria constituído por 19 casais, pertencendo a Palme 10 casais, a S. Romão 3 casais e a S. Paio d'Antas 6 casais; todos estes pagavam foros menos a Quinta de Petro Caparo e a de Gonçalo Picon, e que eram constituídos por cabritos, leitões, galinhas e ovos. Davam ao rei 33 maravedis, dois car-

APONTAMENTOS SOBRE

VILA-CHÃ

por: Manuel Albino Penteadó Neiva

(LICENCIADO EM HISTÓRIA)

neiros e galinhas, cada casal, levando esses foros ao Castelo do Neiva. Pertenceu à casa de Bragança até cerca de 1836.

Quanto à evolução do seu nome, diremos que sofreu como toda a língua latina evoluções, passando de Sancto Johanne de Villar Plano, para Vila-Chã da seguinte maneira: SANCTO JOHANNÉ é o santo patrono (S. João) e que deixou há bem pouco tempo de fazer parte do nome da freguesia, VILLAR PLANO - VILLAR - CHANO - VILAR - CHÃO - VILA - CHÃO - VILA - CHÃ, nome que tem a ver com a topografia pois que se situa numa chã no alto do monte.

Citemos um pouco a tradição: «Batidos os muçulmanos nos plainos de S. Lourenço onde então tinham seu assento no povoado, ficou o campo juncado de cadáveres e muitas das cabanas reduzidas a cinzas.

Os velhos, as mulheres e as crianças que se haviam refugiado nos bosques, quando tempos depois procuraram o abrigo das suas habitações, e as viram servindo de cemitério a insepultos cadáveres, foram procurar abrigo nas selvas de uma chã silvada a norte, começando aí um pequeno vilar, isto é: um acoutamento de vilões sujeitos à soberania dos vermelhis (experientes guerreiros, temidos e além disso ricos senhores).

Daí a origem da moderna Vila Chã - a vilar planum medieval. E o local onde outrora havia florestas e espessos matagais está, há muitos séculos, convertido em agram produtivas.

M. BOAVENTURA,

SOLAR DOS VERMELHOS,

1 edição, 1909»

Situação geográfica, vias de comunicação, área territorial

Vila-Chã é das aldeias menos populosas do concelho, sendo no entanto uma das maiores em área territorial. Situa-se num planalto, sendo Vila-Chã a de mais altitude do concelho.

Confronta esta freguesia do norte com a de S. Paio d'Antas e a de Forjães, de nascente com a de Santo André de Palme (Barcelos) e a de S. Cláudio de Curvos, do sul com a de Palmeira e de poente com a de Marinhas e com a de S. Bartolomeu do Mar.

É servida pela estrada que liga Palmeira (estrada nacional Barcelos - Esposende) a Barrocelas, cruzando com a nacional Barcelos - Viana. Desta estrada sai uma estrada camarária que atravessa a freguesia, passando por S. Lourenço, ligando Vila-Chã a Esposende, e uma outra camarária passando pelo lugar da Abelheira, ligando à estrada nacional Porto - Viana, na freguesia de Marinhas.

A população agrupa-se em lugares como sendo: Outeiro, Lagoínhas, Aldeia, Bicudo, Lages, Abelheira, Chouso, Igreja, Sobreiro e Casais. Os cinco primeiros formam o bloco-Aldeia de Cima e os restantes o bloco-Aldeia de Baixo.

★

Para melhor compreensão dos seus limites e como nota curiosa, vou apresentar de seguida um apanhado da narração feita no tombo desta freguesia o qual data de 1549. Desde essa data fizeram-se dois tombos que se encontram no Arquivo de Braga e que tem a seguinte colocação:

1.º tombo de Vila-Chã, datado de 1549, n.º 8, caixa 247 (capa em pergaminho).

2.º tombo de Vila-Chã, datado de 1762, n.º 182, pág. 99 e segs.

daí ao outeiro de Pena Longa que está sobre Fonte Sua e daí às Penas da Mata que está na Bouça de João Palmeira Suzão e daí à cova de Pindelo; daí pelo Cimo do Monte de Lombão de Vila-Nova e daí ao monte da Costeira e daí à Porta de Lobos por cima do monte de Surto de Lobos e daí à pena de Figueiró e daí ao padrão do Castelo à mamoa do Couto; daí vai ter às pedras de Cima do Fojo que é sobre a Penedia que tem uma cruz por sinal e daí à fonte d'água levada, que tem outra cruz por divisa e daí vai ter às prezas de pego e daí à Mamôa da Serra e daí ao Outeiro de Manimado, há um padrão abaixo da Carreira e daí vai ter por uma regueira abaixo que é da Mozela e vai ter às Carqueijas aos campinhos das Fontainhas e daí ao Outeiro branco e daí pelo cume em cima do Monte Bravio à moínha de Fernão Gago que está na costeira e daí direito pelo cume do monte, direito a S. Lourenço onde começaram e que isto ouviram sempre dizer a seus pais e avós (...)

(...) Fernão Toscano notário Apostólico escrevi aos nove dias do mês de Março de 1549 à porta da igreja de S. João de Vila-Chão por o Reverendo Senhor Pedro Annes Dom Abade do Mosteiro d'Agra e abade da dita igreja de S. João de Vila-Chão, apresentado homens bons para apregarem o assento da dita igreja e mais propriedades ao Senhor António de Barros e Gregório Alvares e a João Fernandes e Pedro Martins lavradores e moradores da dita freguesia e mandei por a mão em cima de duas coiroas como puseram e aos lavradores dei juramento sobre os Santos Evangelhos aos quais dei também a dita carta de excomunhão (...)

Como podemos ver, os limites actuais desta aldeia são precisamente os referidos no dito tombo, tendo portanto esta aldeia uma identidade territorial que vem desde o séc. XVI (1549).

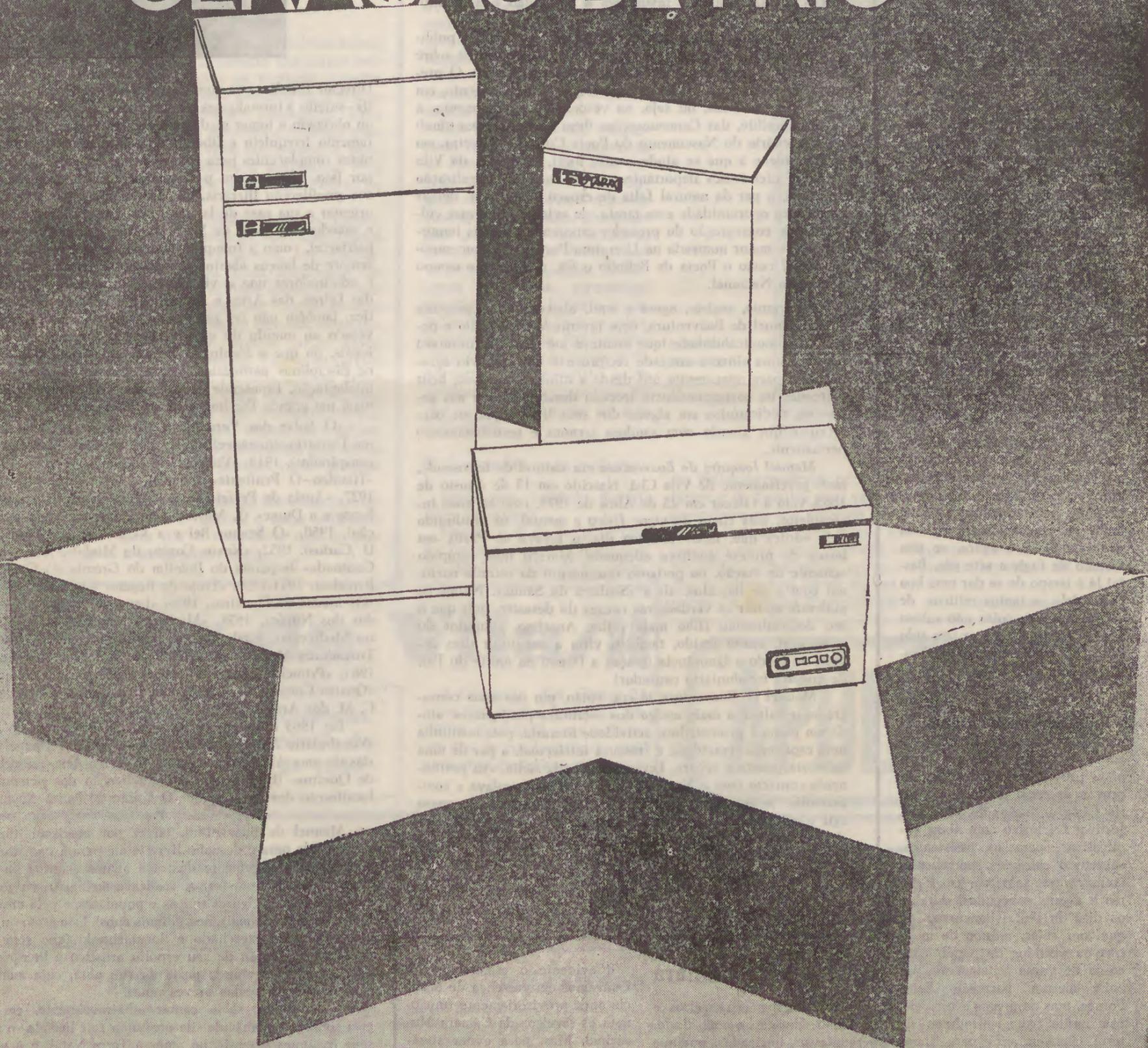
EM VILA-CHÃ - VISITE O

café
Pôr do
Sol

de RAMIRO PIRES

MERCEARIA E VINHOS

STARLUX APRESENTA A SUA PRIMEIRA GERAÇÃO DE FRIO



STARLUX

QUALIDADE DE VIDA!

AGENTE OFICIAL

CASA BRAGA 

Rua 1.º de Dezembro
4740 ESPOSENDE

ÚLTIMA PÁGINA

No rescaldo da Festa

No último número, alguns dos nossos leitores e assinantes ficaram decepcionados com a nossa alusão às Festas da Vila.

Vive-se um clima de «amplas liberdades» onde a crítica é lícita. Quisemos, assim, experimentar até onde iria esse desejo e respeito pela opinião alheia. Houve engano e aqui estamos a pôr as coisas no devido lugar. Não há, pois, a partir de agora, «amplas liberdades»... Muito bem! É assim mesmo... Mas, no tempo dos «Afonsinhos» ainda havia quem se encesse a subir ao mastro para pega, um esquelético bacalhau pendurado, lá na ponta. E a partir do cântaro de barro e tomar o «duche» anual ou a enfarinhar-se...

Agora, caros leitores, tudo isso acabou. Haja limpeza, higiene, lisura e bom comportamento dos cidadãos... Mas não deixem morrer as festas. Já repararam no desemprego e na falta de tantos postos de trabalho? Não!... As Festas não podem acabar. Cesse tudo quanto se disse, *alma até Almeida*, e queremos continuar a ter lindo arraial com motivos marítimos e bem iluminado; muitos foguetes de vistas a estourar no ar límpido das noites de Agosto próximo; fogo preso, variado e vistoso, com o tradicional bouquet em louvor de alguém que mereça; morteiros de alvorada e tiroteio na Ribeira; bandas de música com rapsódias mexidas, nos respectivos reportórios; procissão e muitas figuras alegóricas, em boa compostura; fungagá no Jardim, de preferência na noite de 19 de Agosto; um comunicado a pedir a colaboração de todos os esposendenses de boa vontade que até agora, se têm fartado de fugir a sete pés. Basta! Já é tempo de se dar uma boa ensinadela, a tantos críticos de café que, outra coisa não sabem senão dizer mal do que tem sido feito com muito esforço, dedicação e bairrismo.



Pedíamos, muito encarecidamente, para conseguirem de alguém importante que nos organize: provas de windsurfer ou provas de remo e canoagem no rio Cávado; provas de atletismo; festival folclórico com notas expilcativas para os assistentes, sobretudo estranhas, perceberem melhor o que se passa; Zés P'reiras e alguns cabeçudos, durante os dias da Festa; concursos de qualquer coisa, mesmo de montras ou vestidos de papel; concurso de vacas leiteiras ou de bois, mesmo barrozo; Feira Franca, mas de preços acessíveis, com muita fruta e produtos da terra. Chamem a TV para filmar tudo isto... porque então, bolas, para a festa...

Registo de Notas

RECORDANDO

MANUEL DE BOAVENTURA

ESCRITOR MINHOTO

Pelo Dr. SOBRAL TORRES

Este jornal tem publicado com frequência alguns contos de feição popular, do falecido Escritor Manuel de Boaventura, com o determinado intuito de divulgação cultural, contribuindo ao mesmo tempo para que a sua obra e o seu nome não caiam no esquecimento—muito fácil, principalmente nas novas gerações—já que sendo tendencialmente «breve a memória dos homens», muito mais frequente (e até justificado) o será entre aqueles que não conheceram pessoalmente certas personalidades ou figuras locais e acções que, por seus méritos ou valimento, devem ser preservados do desgaste do Tempo ou de novos costumes—ambos favoráveis à ingratidão e à incultura geral.

Para tanto, era intenção do «Jornal de Esposende» publicar, no número de Agosto, um ensaio histórico e crítico sobre Manuel de Boaventura, aliás difícil e decerto extenso. O pretexto próximo, seria o 95.º aniversário do seu nascimento, em 15 de Agosto findo, ou seja, na véspera do encerramento, a nível concelhio, das Comemorações (bem modestas, por sinal) do Centenário do Nascimento do Poeta Corrêa d'Oliveira, em sessão solene a que se alude noutra local. As Festas da Vila e outras efemérides importantes, ou de inadiável sinalização noticiosa, a par da natural falta de espaço, levaram a deixar para outra oportunidade essa tarefa, de evidente interesse cultural e de consagração do prosador esposendense mais importante e de maior nomeada na Literatura Portuguesa Contemporânea, tal como o Poeta de Belinho o foi, é e será no campo da Poesia Nacional.

Entretanto, registo, agora e aqui, algumas notas pessoais sobre Manuel de Boaventura, cuja juventude de espírito e poder de comunicabilidade (que manteve até morrer), tornaram possível uma sincera amizade recíproca e um convívio agradável, e, para mim, muito útil desde a minha mocidade, bem marcadas na correspondência trocada durante anos e nas generosas dedicatórias em alguns dos seus livros, que me ofereceu—e que guardo com saudosos ternura e reconhecimento permanente.

Manuel Joaquim de Boaventura era natural de Esposende, mais precisamente de Vila Chã. Nascido em 15 de Agosto de 1885, veio a falecer em 25 de Abril de 1973, com 88 anos incompletos, mas cheio de vigor físico e mental, só diminuído pela surdez que, nesse fatídico dia, o levava ao Porto, em busca de prótese auditiva adequada. Morreu num estúpido acidente de viação, no perigoso cruzamento da estrada nacional com a de Barcelos, ali à «Senhora da Saúde». Nunca se puderam apurar as verdadeiras causas do desastre, pois que o seu dedicadíssimo filho mais velho, Anselmo, condutor do automóvel, muito ferido, também viria a sucumbir dias depois, na piedosa ignorância (graças a Deus!) da morte do Pai, de que foi involuntário causador!

Manuel de Boaventura já era, então, um dos mais consagrados e talvez o mais antigo dos escritores portugueses, ainda em plena e prometedora actividade literária, pois mantinha uma espantosa vivacidade e frescura intelectual, a par de uma memória pronta e segura. Levava uma vida sábia, em permanente contacto com a Natureza, que tanto contemplava e compreendia. A sua figura hercúlea e desembaraçada, de passo ágil e miúdo, tornara-se familiar nesta Vila, como na feira de Barcelos (de que era fiel frequentador semanal), ou em Braga, onde ia trocar impressões sobre «letras e tretas» (segundo dizia) com amigos e colegas de Jornalismo.

Tendo enveredado muito novo pelo magistério primário, rapidamente ascendeu aos difíceis cargos de Inspector e de

Letireiros da Câmara

Vários turistas estrangeiros e nacionais, durante o mês findo, perguntavam intrigados, por que seria que o restaurante da Rua 15 de Agosto estava encerrado.

É evidente o esclarecimento. Estávamos em presença do edifício onde provisoriamente funcionam os serviços da Câmara Municipal. Mas, para evitar situação tão caricata, ninguém se preocupou em colocar, bem visível: encerrado para descanso do pessoal, ou cobrir os letireiros, ainda ali colocados.

Dr. M. SOBRAL TORRES

Dentro de dias, e com a demora de duas semanas, parte para a Suécia, em visita de trabalho aos principais centros e serviços de Saúde daquele país escandinavo, o nosso colaborador Sr. Dr. Manuel Sobral Torres. Feliz viagem lhe desejamos.

Assine, leia e divulgue «JORNAL DE ESPOSENDE»



Director Escolar, nos quais, porém, não foi, nem se sentia feliz—sujeito a formalismos burocráticos e a regulamentos rígidos ou obrigado a tomar medidas incompatíveis com o seu temperamento irrequieto e liberal, de sentimentos delicados e atitudes complacentes para com as faltas humanas... Aposentado, por isso, muito novo, passou a dedicar-se exclusivamente à sua predilecção literária, no «terrunho natal», sem deixar de orientar a sua casa de lavoura, pois era um lavrador abastado e sabedor. A «Casa de Susão» voltou a ser não só o seu lar patriarcal, como a tranquila tebaída de escritor, onde recebia, sempre de braços abertos e mesa posta, os numerosos amigos e admiradores que o visitavam—muitos deles ilustres nomes das Letras, das Artes e até vultos da Política. Nesta, na política, também não fez carreira—e pouco o tentou—muito mais votado ao mundo do espírito e dado à espontaneidade das ideias, do que a ideologias formais ou submetidas à coacção de disciplinas partidárias... Pode dizer-se que, por via dessa inadaptação, Esposende cedo ganhou um bom cidadão e Portugal um grande Escritor—omnimodo e fecundo:

«O Solar dos Vermelhos» (romance), 1909; «Crimes de um Usurário» (romance), 1911; «No Presídio» (Memórias de um conspirador), 1913; «Vocabulário Minhoto» (2 vol.), 1916-1921; «Timóteo—O Penitente» (novela), 1921; «Contos do Minho», 1927; «Ansia de Perfeição» e «Contos Imperfeitos», 1947; «O Santo e a Dume» (S. Martinho de Dume na lenda e na tradição), 1950; «O Senhor Rei e a Velha» (episódio da Vida de D. Carlos), 1952; «Novos Contos do Minho», 1953; «Noite de Consoada» (separata do Boletim do Grémio do Comércio de Barcelos), 1954-1959; «Trajo da Região» (separata, idem, 1959; «Os Medos da Figueiró», 1956; «Leite de Vasconcelos—Animador dos Novos», 1958; «Marrucho Mentideiro», 1959; «Amores Medievais», 1960; «Contos que o Povo conta», 1961; «Três Trovadores Medievais», 1963; «De Onde brotou Vila Chã?», 1963; «Primeira Consoada», 1964; «Lapinhas do Natal», 1964; «Quatro Contarelos», 1965; «Um Juiz do Soajo» (editado pela C. M. dos Arcos), 1970.

Em 1965 tinha em preparação: «Mais Contos do Minho»; «Vocabulário Minhoto»—III vol. (com 12 000 étimos); «Velharias de uma Aldeia» (monografia); «Terra Alta» (novela); «Eça de Queiroz» (Estudo para a identificação dos personagens e localização dos cenários de «O Crime do Padre Amaro»).



Manuel de Boaventura, talvez por atavismo, tinha uma certa queda para o desenho livre (e até para a caricatura), com que despreziosamente ilustrava alguns escritos ou simples apontamentos. Desta forma, realizava melhor o seu gosto pela etnografia, pelas figuras típicas e populares, e pela arqueologia (a que se dedicou mais, nos últimos anos). Este gosto ou pendor, crescentemente exercitado e documentado (que será feito e qual a conservação do seu espólio artístico e literário?), está bem patente em grande parte da sua obra, cuja análise não cabe no âmbito destas breves notas.

Na verdade, sabia cantar admiravelmente, em linguagem simples e vernácula—de profunda raiz lusitana—o povo, os seus costumes e sentir, no amor à Terra Natal, e à terra que via amanhar, dia a dia, de sol a sol com muito trabalho e suor mas com alegria para grangear o seu sustento.

E na sua observação atenta não lhe escapava as manhas e malícias inocentes, própria da vida rural e das relações de vizinhança, nas gentes do campo, descrevendo-as com leveza e graça, na trama do romance ou do conto, em que harmonizava ou compunha as personagens das suas obras: o fidalgo e o plebeu; o senhorio e o caseiro ou cavador de gleba, o rico e o pobre, o crente e o ímpio—entre a verdade (por vezes histórica) e a lenda, o realismo e a ficção, bem imaginada sempre—mas, sempre fazendo prevalecer as virtudes humanas, o Bem e a Justiça: de Deus ou dos homens bons.

S. T.

(Continue no próximo número)

JORNAL DE ESPOSENDE

Redacção - Admin.: Avenida Marginal (ao Norte) — 4740 ESPOSENDE

